



PESQUISA EM ANDAMENTO



Nº 04, nov./95 p. 1-2

O OÍDIO EM MUDAS DE PESSEGUEIRO-BRAVO (*Prunus myrtifolia* (L.) Urb.) E SEU CONTROLE

Celso Garcia Auer*

A presença de doenças em viveiros florestais causa preocupação pelos danos que pode infringir às mudas atacadas. Normalmente, o ataque de patógenos provoca prejuízos, como por exemplo, aumento de custos, pela retomada da produção de mudas. Outro tipo de prejuízo é a queda de arrecadação, resultante da venda de mudas de qualidade inferior.

Em meados de 1995, detectou-se oídio em mudas de pessegueiro-bravo (*Prunus myrtifolia* (L.) Urb.) no viveiro do CNPF, Colombo, PR. Um lote de mudas foi atacado, apresentando diferentes graus de severidade, desde os sintomas iniciais da doença, até a morte de mudas.

Os sintomas foram observados em folhas jovens e brotações, na forma de enrolamento foliar, queima e posterior queda das folhas afetadas. Ocorreu, também, perda do crescimento monopodial da planta e atraso no desenvolvimento da muda, resultando na redução da qualidade para sua venda. O plantio de mudas doentes é inadequado, pela debilitação apresentada. Algumas mudas, com severidade mais elevada da doença, sofreram desfolha intensa e sucessiva, até sua debilitação e morte. A sua recuperação requer tratamento químico e adubação.

Os sinais da doença são facilmente notados desde o início, constituídos pela grande quantidade de micélio do patógeno e pelas estruturas reprodutivas produzidas, os conidióforos e conídios, ambos de coloração hialina (Figura 1). O crescimento fúngico confere à superfície dos tecidos atacados um aspecto esbranquiçado e pulverulento. Exame desse material ao microscópio permite visualizar os conídios de forma ovalada ou elíptica, com bordos truncados como barris, de parede delicada. Os conídios são produzidos em cadeia, a partir do conidióforo. Tais características permitiram identificar o fungo como sendo uma espécie do gênero *Oidium*. A fase teliomórfica (sexual) não foi encontrada nos materiais analisados.

* Eng.-Florestal, Ph.D., CREA nº 136829/D, Pesquisador da EMBRAPA-Centro Nacional de Pesquisa de Florestas.

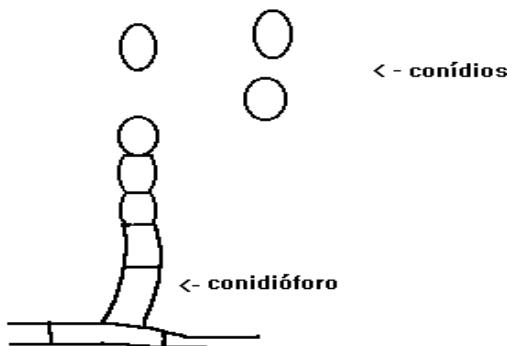


Figura 1. Esquema das estruturas reprodutivas em folhas de pessegueiro-bravo com ódio.

A época de ocorrência do ódio tem sido normalmente no inverno, avançando até a primavera. A incidência e a severidade são maiores em mudas mantidas em casa-de-vegetação, do que com mudas mantidas em viveiros, a céu aberto. No viveiro, as chuvas e a irrigação lavam e retiram os esporos das superfícies atacadas, diminuindo a quantidade de inóculo. Temperaturas amenas e elevada umidade relativa do ar parecem ser importantes para o início da doença, a germinação dos esporos, o crescimento e esporulação sobre a planta. Outro fator favorável à incidência da doença é o adensamento das mudas no canteiro. O adensamento cria microclima favorável, enquanto que a proximidade e contato entre mudas sadias e doentes favorecem, a disseminação da doença.

O controle do ódio foi tentado, preliminarmente, com a aplicação dos produtos benomil e enxofre, baseado na recomendação feita para o ódio do eucalipto (FERREIRA, 1989). Preparou-se uma solução contendo benomyl (35 g/100 l de água) e enxofre (100 g/100 l de água), a qual foi pulverizada a cada 15 dias. Para facilitar a aplicação, as mudas foram redistribuídas no canteiro, de forma a ficarem mais espaçadas, entre si. Essa medida serviu também para diminuir o contato entre mudas e eliminar o excesso de umidade. O tratamento mostrou controle da doença, já no primeiro mês de aplicação. Houve recuperação das mudas doentes, com o surgimento de novas brotações e folhas jovens sadias, e a retomada do crescimento. O controle pode ser complementado com a eliminação das mudas mortas e a retirada de folhas com sintomas e sinais, por serem fonte de inóculo.

O estudo está sendo ampliado pela utilização de outros princípios ativos, em combinação com enxofre, principal produto contra ódio. Estão sendo acompanhadas, também, a ocorrência da fase teliomórfica e outras informações epidemiológicas, para a melhoria das medidas de controle a essa doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, F.A. Patologia florestal; principais doenças florestais no Brasil. Viçosa: SIF, 1989. 570p.